

## DO MANÁ À EUCARISTIA

Alcindor Junio da Silveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Esse artigo, descreve sobre a intervenção de Deus na história da salvação, quando presenciou o sofrimento de seu povo, e, assim, decidiu libertá-los da escravidão. É o início do *Pesah*, a Páscoa dos judeus; ritual de libertação que possui uma série de simbolismos e rituais ligados à alimentação. Daí, então, Deus levou toda comunidade de Israel para o deserto, e lá, ao longo de 40 anos a caminho da Terra Prometida, entre protesto e murmúrios deu-lhes de comer pão e carne do céu. Entretanto, os filhos de Israel não permaneceram fiéis a aliança com Deus. Após múltiplos acontecimentos, a história da Bíblia, com todo seu significado espiritual e profético, e por meio de suas "figuras" renunciaram, um evento ainda maior que o êxito do Egito, o reconhecimento de Jesus como Messias, o Salvador e Redentor da nova aliança, que durante a última Ceia, noite de Páscoa, instituiu a Eucaristia. Presença Real do próprio Cristo, com seu Corpo, seu Sangue, sua Alma e sua Divindade, sob as espécies eucarísticas do pão e do vinho.

Páscoa. Aliança. Pão. Presença Real.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho acadêmico tem por objetivo fazer uma síntese em forma de artigo sobre os principais argumentos a partir do TCC Do *Maná* à Eucaristia. Quando descreve um cenário histórico e litúrgico, em três momentos diferentes na história da instituição da Eucaristia. Embora o contexto básico não seja algo novo, as figuras que antecipam a Eucaristia pertencem à história da salvação, e por fim, configura-se na pessoa de Jesus Cristo. Essas prefigurações estão presentes na Bíblia Hebraica como figuras. No Novo Testamento como evento. E por fim, se manifesta e age na

---

<sup>1</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica de Anápolis, Anápolis-Go. Síntese em forma de artigo científico a partir do TCC Do *Maná* à Eucaristia apresentado como requisito para obtenção de conclusão de curso superior. Sob a orientação do Prof. Me. Pe. Carlito Bernardes de Oliveira Jr.

Igreja como Sacramento na presença física do próprio Cristo Jesus sob as espécies do Pão e do Vinho.

A instituição da Eucaristia tem início com Cristo, durante a última Ceia, numa noite de Páscoa, véspera de sua paixão e morte. Quando Jesus Cristo identifica o pão e o vinho como seu próprio Corpo e Sangue, e se oferece em sacrifício ao Pai em prol dos homens. De modo que pediu aos discípulos que comessem e bebessem. Daí em diante, celebrada em memória entre os primeiros judeu-cristãos. Lembrança atualizada pelos sacerdotes ordenados *in persona et in nomine Christi*, na Pessoa de Cristo e em nome de Cristo até o dia de sua segunda volta.

Os escritos judaicos do período do segundo templo, época em que Jesus viveu, fala sobre a esperança de Israel por um Messias, um novo Moisés que viria na noite da Páscoa para libertá-los da opressão das forças do Império Romano, mas também, diz de um novo evento ainda maior, um novo êxodo. Contudo, quando chegou a plenitude dos tempos, Jesus não foi reconhecido como o Messias, o Redentor de Israel.

A Eucaristia é um mistério de fé, tanto que se professa e se celebra na liturgia da Palavra quanto na liturgia Sacramental, por sua vez, a fé é um assentimento livre. No entanto, a instituição deste mistério Eucarístico, não é conhecido por muitos mesmo por aqueles que professam. Eis aí o propósito dessa pesquisa, buscar na história da Salvação, a figura que antecipou a instituição Eucarística.

Para conquistar os objetivos específicos dessa pesquisa foi preciso voltar no tempo para entender, identificar, selecionar as principais fontes, conceitos, significados, argumentos de autoridades da Igreja Católica: A Sagrada Escritura, os Santos Padres, a Liturgia e o Magistério da Igreja, não só estas fontes, mas também; as Escrituras judaicas, conhecidas como o Antigo Testamento e a tradição judaica antiga, consagrada em escritos não contidos na Bíblia judaica. A maioria destas tradições pesquisadas são de argumentos legais e litúrgicos.

A relevância desse artigo não é apenas conhecer os tipos figuras que anteciparam o mistério da eucaristia, mas os argumentos que levam a crer na instituição da Eucaristia por Jesus Cristo. O foco é deixar claro a intenção de Deus instituir um Novo Êxodo, uma Nova Aliança, uma nova Páscoa. Em outras palavras, "é a fé que busca compreender" e professar o mistério de Jesus Eucarístico.

## A PÁSCOA JUDAÍCA

Todo ano, desde de Moisés, judeus em todo mundo relembra a libertação dos descendentes de Jacó das mãos dos egípcios para a "Terra que emana leite e mel" (Ex 3, 8).<sup>2</sup> A celebração acontece numa véspera de lua cheia, o primeiro mês do ano, o mês da primavera de *Abib* (cf. Dt 16,1), mais tarde chamado de *Nissan*<sup>3</sup>, de acordo com o calendário Judaico. Diz de *Nissan* como o mês da redenção. "Em *Nissan* nossos antepassados foram redimidos do Egito; e em *Tishrei*; no futuro, o povo judeu será redimido na redenção final com a vinda do Messias". (*Talmud babilônico, Rosh Hashanah* 11a ).<sup>4</sup>

Para os judeus, é o começo do *Pesah*,<sup>5</sup> léxico hebraico com raiz no verbo pular ou saltar. A Vulgata explica: "isto é, uma passagem".<sup>6</sup> O Senhor 'saltou', ou 'omitiu', ou 'protegeu' as casas dos israelitas. Para a tradição religiosa, significa mais do que dar um salto para frente, é uma festa em memória da libertação do povo judeu da escravidão no Egito.

A Bíblia Hebraica<sup>7</sup> menciona que em torno de 1570 a.C., (cf. Rs 6, 1), os descendentes de Abraão deixaram Canaã, depois de um longo período de seca e falta de alimentos, e migraram para o Egito.

A primeira Páscoa Judaica aconteceu pouco antes da execução da décima praga, quando o anjo da morte desceu até o Egito, e matou todos os primogênitos, desde o primogênito do Faraó, até os animais; e eu, o Senhor,<sup>8</sup> farei justiça contra

<sup>2</sup> Os textos bíblicos são citados, regra geral, segundo a Bíblia de Jerusalém 1. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>3</sup> A *Torá*, a lei de Moisés; o Pentateuco para os cristãos, se refere a ele como o mês de Abib, o mês da primavera.

<sup>4</sup> A tradição judaica antiga, consagrada em escritos não contidos na Bíblia judaica são citados, por regra, de acordo com a biblioteca digital de textos judaicos. Esta coletânea contém escritos do período do segundo templo, durante o qual Jesus viveu. Disponível em: <https://www.sefaria.org/texts>

<sup>5</sup> *Pesah*, a primeira das grandes festas judaicas mencionadas na Bíblia, é observada e comemorada pelos judeus mais do que qualquer outra festa do calendário judaico. É a Páscoa dos judeus.

<sup>6</sup> cf. Bíblia de Jerusalém, nota de rodapé de Ex 12,11.

<sup>7</sup> A palavra hebraica para Bíblia é *Tanach*, composta pelas consoantes T-N-Ch, que representam as 3 divisões das Escrituras: *Torá*; Pentateuco, *Neviim*; Profetas, e *Ketuvim*; Escritos. De forma genérica, costuma-se designá-la por *Torá*, que em hebraico significa "orientação", correspondendo à sua relação com o povo: uma orientação da vida. Ela corresponde ao Antigo Testamento protestante, mas com outra subdivisão. Os Católicos adotaram todos os livros da *Tanach*, porém acrescentaram sete outros livros do período intertestamentário.

<sup>8</sup> Refere-se a *Iahveh*, pronúncia do Nome de Deus de Israel em forma escrita na Bíblia Hebraica. Em hebraico é escrito com quatro consoantes יהוה. *Yhwh* é a transliteração latina mais comum do Tetragrama Sagrado, as formas *Yhvh*, *Jhwh* e *Jvh* são também frequentemente usadas. Em conformidade com o pedido da Santa Sé, e em respeito aos judeus, já que não pronunciam o Nome de Deus, o termo *Iahveh* é omitido no decorrer do artigo, e substituído por Senhor em português.

todos os deuses do Egito (cf. Ex 12, 12). O anjo da morte pulou somente aquelas casas daqueles que cumpriram o decreto do Senhor. Logo após, estes eventos, os filhos de Israel foram libertos da escravidão.

Paralelamente com a liturgia cristã que rememora a ressurreição de Cristo, o *Pesah* relembra a libertação do povo judeu da escravidão no Egito, depois de 1200 a. C., segundo evidências arqueológicas (GOODMAN, 2020, p. 44). A Páscoa cristã também está associada à ideia de passagem, pois, rememora o sacrifício de Cristo e sua ressurreição, ou seja, uma passagem da morte para a vida. "A morte de Cristo é o mesmo tempo, o sacrifício pascal, que realiza a redenção definitiva dos homens pelo 'cordeiro que tira o pecado do mundo' e o sacrifício da Nova Aliança, que reconduz o homem à comunhão com Deus"(CIC, 613).

O livro do Êxodo, relata detalhes da liturgia pascal, o ritual do sacrifício que foi realizado por toda comunidade de Israel, no decorrer dos oito dias do *Pesah*. Tudo foi feito como Deus ordenou a Moisés e Aarão. Como alguns estudiosos sugeriram que a Páscoa parece ter sido um tipo específico de sacrifício conhecido como "ação de graças" (GESE, 1981, p. 117, tradução nossa), ou em hebraico, um sacrifício *todah* (cf. Lv 7). Era um ato de ação de graças pela libertação da morte.

Durante o sacrifício do cordeiro, era preciso um cuidado todo especial, para que nenhum osso sequer fosse quebrado. "nem lhe quebrareis osso algum" (Ex 12, 46). É de notar que o sacrifício da Páscoa não foi completado pela morte do cordeiro, mas pelo consumo de sua carne.

Por fim, os israelitas fizeram tudo em obediência à ordem do Senhor. E daquele momento em diante, foram salvos do anjo da morte, como também foram livres da escravidão. Esta liturgia é muito importante porque abre caminho para eventos posteriores, assim como os gestos e atitudes de Jesus na Última Ceia, por exemplo.

Do Egito à Canaã. Deus promete a Moisés que ele guiará o Seu povo até a Terra Prometida. Então, ao longo do caminho, Moisés estendeu a sua mão e o Senhor abriu as águas do Mar Vermelho, afogou os egípcios, e os filhos de Israel foram salvos do poder físico do Faraó. E, em seguida, o Senhor leva seu povo para o deserto do Sinai, e Israel acampou ali, diante do monte. Daí, Moisés mais depressa subiu o monte para encontrar-se com Deus (Ex 19, 1-3).

Após permanecer por apenas um curto período, o povo da aliança começou a murmurar contra Moisés e Aarão no deserto, e eles expressavam o desejo de voltar ao Egito, ao qual se referiam com nostalgia, dizendo-lhes: Quem dera que tivéssemos

morrido pela mão do Senhor no Egito, quando nos sentávamos junto às panelas de carne e comíamos pão com fartura! Por que nos trouxestes a este deserto? Para matar de fome toda esta gente? (cf. Ex 16, 3). Então, o Senhor disse a Moisés:

Eu ouvi a as murmurações dos israelitas. Dize-lhes: Ao anoitecer, comereis carne e amanhã cedo vos fartareis de pão [...] E pela manhã, quando o orvalho evaporou, apareceram na superfície do deserto pequenos flocos, como cristais de gelo sobre a terra. Ao verem isso, os israelitas perguntavam uns aos outros: *Man Hu?* que quer dizer: o que é isto? pois não sabiam o que era. Moisés lhes disse: Isto é o pão que o Senhor vos deu para vosso alimento (Ex 16, 12-15).

Os israelitas chamaram de *maná* aquele pão. Todos eles comeram *maná* durante a jornada de 40 anos pelo deserto, marcada por diversos milagres até chegarem próximos a Canaã. O livro de Josué, relata que os filhos de Israel comeram do *maná* até a primeira Páscoa celebrada em Canaã (cf. Js 5, 12). Além disso, é preciso dizer que conforme a Bíblia Hebraica, o *maná* no deserto não era apenas um pão comum, Era um pão do céu; milagroso, que Deus deu ao seu povo para que o comessem (cf. Ex 16, 4).

Além do mais, Deus não deu apenas aos israelitas “pão do céu” (Ex 16, 4), também lhes deu carne. Assim, o Senhor falou com Moisés: Ao crepúsculo comereis carne, e pela manhã vos fartareis de pão; e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus.” (Ex 16, 12). “Este duplo aspecto revelar-se-á momentaneamente importante, quando Jesus falará em dar aos seus discípulos a sua própria carne para comer” (PITRE, 2020, p. 94).

Entretanto, o livro do Êxodo conta que, logo após os israelitas deixarem o Egito, trouxeram com eles “uma multidão misturada com ovelhas, gados e muitíssimos animais” (Ex 12, 38). Parece ironia, é até estranho. E, é daí que surge uma questão que desperta curiosidade. Porque eles não comeram a carne do próprio rebanho?

Embora seja especulação, provavelmente “os israelitas ainda vissem esse rebanho como deuses, aqueles que eles haviam adorado, e conseqüentemente se recusado a matar durante sua permanência no Egito” (MORASHÁ, 2009). O que mais impressiona na missão de Moisés durante 40 anos no deserto, “talvez não seja o fato de tirar os judeus do Egito, mas tirar o Egito de dentro dos judeus” (ibid.).

Algum tempo depois, Moisés voltou ao monte, e lá ficou quarenta dias, e quarenta noites. E essa demora deixou todo povo inquieto de que algum mal lhe

tivesse acontecido. E daí que ele voltou da montanha após quarenta dias, sem comer nada. Imediatamente, Moisés começa instruí-los de maneira que eles edificassem um santuário, conforme o modelo que o Senhor lhes ordenou. A tenda do encontro, *ohel mó'ed*, também conhecida sob a influência da Vulgata como o tabernáculo (VAUX, 2004).

É importante observar que Deus ordenou que Moisés fizesse três objetos sagrados para serem guardados dentro do Tabernáculo:

- a) a arca da Aliança;
- b) o candelabro de ouro;
- c) a mesa dourada do Pão da Presença.

Na verdade, a Bíblia Hebraica relata que Moisés viu a forma de fazê-los em uma visão que foi mostrada a ele no topo do Monte Sinai (cf. Ex 25, 9-40). Daí, se deduz que a Arca, o candelabro e o Pão da Presença são representações celestiais.

O Santuário tornou-se um lugar Santo, um lugar de aliança entre Deus e Israel, acima de tudo, de adoração. "Habitarei no meio dos israelitas e serei o seu Deus. E eles saberão que Eu, o Senhor, sou o seu Deus, que fez sair do país do Egito, para habitar no meio deles; Eu, o Senhor, seu Deus" (Ex 29, 45-46).

Deus, então, apareceu a Moisés e ordenou-lhe que fizesse de Aarão e seus filhos sacerdotes (cf. Ex 28,1). "O sacerdote está ao serviço de uma divindade, no lugar que esta escolheu para habitar. Esta escolha é normalmente objeto de uma revelação, e esse lugar é considerado um espaço sagrado, separado do profano" (AUNEAU, 2020, p.4). E tem por função essencial assegurar a mediação entre Deus e os homens.

No entanto, este privilégio era exercido pelas doze tribos de Israel, que eram os descendentes dos doze filhos de Jacó. Os filhos de Jacó deram origem às tribos que formaram a nação de Israel. Daí, Deus atribuiu apenas a Aarão; que era levita, e a seus descendentes do sexo masculino a responsabilidade de administrar, o Tabernáculo construído no deserto e anos mais tarde, o Templo Sagrado de Jerusalém. Toda oferta de sacrifícios e oblações era reservada a essa família. Enquanto, os demais levitas foram concedidos realizar os serviços inferiores do culto divino. Vale lembrar que inicialmente Moisés seria designado a assumir o cargo, mas segundo o Êxodo, ele perdeu o direito quando se recusou a ser o mensageiro de Deus para libertar os judeus do Egito (cf. Ex 4, 13).

É ainda de notar que, o livro de Gênesis 14 aponta um personagem que aparece uma única vez, o rei Melquisedec. Aconteceu que, quando Abraão voltava depois de derrotar seus inimigos em uma batalha. Melquisedec, rei de Salem e sacerdote do Deus Altíssimo, trouxe pão e vinho e abençoou Abraão. "Ele pronunciou esta bênção: 'Bendito seja Abraão pelo Deus Altíssimo que criou o céu e a terra, e bendito seja o Deus Altíssimo que entregou teus inimigos entre tuas mãos'. E Abraão lhe deu o dízimo de tudo" (Gn 14, 17-20).

Não há dúvida de que o inferior, é abençoado pelo superior (cf. Hb 7, 7). Além disso, outros dados do texto de Gn 14 permitem mostrar que Melquisedec encontrasse em situação de superioridade em relação a Abraão e, portanto, também em relação aos sacerdotes judeus, descendentes de Abraão (cf. Hb 7, 4-10).

Por outro lado, o autor de Hebreus, dá entender que Cristo é sacerdote, mas, diferente do modo de Aarão. Na verdade, é como diz o oráculo do salmo: "segundo a ordem de Melquisedec" (Sl 110,4). É ainda mais interessante, as Escrituras não atribuem quase nada sobre Melquisedec, nem origem, a não ser o seu ofício enquanto rei e sacerdote. O fato é estranho, pois, a origem familiar era determinante para o sacerdócio (cf. Esd 2, 62).

A Torá descreve uma longa e detalhada narrativa do dia que Moisés se reuniu com toda comunidade em frente do Tabernáculo. E fez como Deus lhe ordenou. E assim, agiu como Sumo Sacerdote temporário e "dando-lhes investidura" (cf. Ex 28, 41). Tudo se cumpriu como o Senhor Deus ordenou, após a consagração dos sacerdotes, "há a inauguração do culto, que, a partir de agora, é exercido por Aarão e seus filhos, ou seja, os sacerdotes" (NILO, 2019, p. 25). De agora em diante, Deus já tinha dado aos sacerdotes as instruções necessárias para as ofertas e os vários sacrifícios.

Os sacrifícios de animais, aves ou até mesmo de uma pequena quantidade de cereal ao Senhor, é um mandamento de Deus ao povo judeu. Cada um oferece o que tem. Os holocaustos eram sacrifícios, quer dizer, ofertas que expressavam a fé e confiança perante o Senhor. Quando se rende a Deus, se coloca tudo no altar (Lv 1, 9). E por sua vez, o Sacerdote queimará tudo isso no altar.

É um holocausto; oferta preparada no fogo, de aroma agradável ao Senhor. O paralelo no Novo Testamento é Efésios, quando Jesus morreu na cruz, seu sacrifício foi "cheiro agradável a Deus" (cf. Ef 5, 2), e nossas ofertas a ele devem seguir esse exemplo (cf. Fl 4, 18). O significado da oferta é visto na repetição das expressões ao

Senhor e perante o Senhor, encontradas seis vezes em Levítico (cf. Lv 1. 2. 5. 9, 13-14; 17).

Com a queda do Templo no ano de 70, o culto sacrificial adquiriu uma realidade espiritual, ou seja, o ritual sacrificial do judaísmo se desfaz, mas a linguagem sacrificial permanece, só que é aplicada a uma realidade espiritual. Daí, “não há vítima imolada, nem sangue recolhido, nem oferta queimada sobre o altar” (MARX, 2004, p. 3). Não existe mais, portanto, a materialidade do sacrifício, isto é, o sacrifício é apenas espiritual.

## **A ESPERANÇA JUDAICA DE UM NOVO ÊXODO**

Mas, por quê falar de um novo êxodo? A questão surge no período intertestamentário, ou seja, "período de aproximadamente duzentos anos, que vai do ano 100 a.C., até por volta de 100 da era cristã" (RIBEIRO, 2009), quando o povo judeu estava esperando por um Messias, para vir e libertá-los da opressão das forças estrangeiras e internas.

A esperança judaica de um novo êxodo tem tudo a ver com a esperança de que Deus de Israel um dia salvaria seu povo da mesma forma que Ele salvou muito tempo atrás das mãos dos Egípcios, na época de Moisés, a época do primeiro Êxodo. Conforme as Escrituras Judaicas, o Êxodo do Egito terminou quando Josué comandou as doze tribos para a Terra Prometida. "A história desses eventos é narrada nos seguintes livros do Antigo Testamento: Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio (PITRE, 2020). E é nestes livros que se pode conhecer e compreender melhor os fundamentos de um novo êxodo.

Acontece que com o tempo, o pecado destruiu as relações entre Deus e seu povo, daí, eles mudaram a sua história por outros caminhos, uma vez que eles mesmos não mantiveram a aliança com o Senhor. "Israel fabrica 'um deus para si', isto é, uma divindade à sua medida" (BERNARD, 2010, p. 56).

As razões de um novo êxodo, isto é, uma nova e eterna aliança têm como ponto de partida os profetas do Antigo Testamento, a exemplo de João Batista, Daniel, Miqueias, Jeremias, Zacarias e Isaías. Eles predisseram que Deus um dia promoveria um novo êxodo. Essa consciência já era muito clara durante a época de Jesus. "Jeremias, especificamente, retrata o cumprimento escatológico dos propósitos de Deus como a realização de uma nova aliança" (BORING, 2016, p. 6). Mas também,

como Jesus de modo deliberado procurou cumprir essas esperanças em si mesmo como o Messias (cf. Is 61, 1-2).

No primeiro Êxodo Deus interveio em favor de dos filhos de Israel, pois, presenciou a miséria de seu povo. Então, escolheu Moisés para libertá-los dos fardos pesados (cf. Ex 3, 8). E ainda, por intermédio de Moisés deu-lhe, a sua Lei, para que reconhecesse e o servisse como único Deus vivo e verdadeiro, e por outro, para que esperasse o Salvador prometido (DV, 2011).

Com o passar do tempo, no percurso da história da salvação, os profetas anunciam uma redenção radical do Povo de Deus, a purificação de todas as suas infidelidades (cf. Ez 36), uma salvação que incluirá todas as nações (cf. Is 49, 5-6). Além de tudo, profetizariam que Deus salvaria seu povo de uma vez por todas, por meio de um novo libertador: o Messias; como um novo Moisés.

Moisés disse aos israelitas: O Senhor teu Deus suscitará um profeta como eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós o ouvireis (Dt 18, 15). Assim, essas palavras foram interpretadas como uma profecia do Messias, aquele que foi anunciado antes pelos profetas, o Redentor, um novo Moisés. "O cordeiro pascal, símbolo da redenção de Israel por ocasião da primeira Páscoa" (CIC, 608).

O foco interessante é que a tradição rabínica posterior, em especial a messiânica, espera-se de fato que o Messias seria um novo Moisés, cujas atitudes seriam semelhantes à Moisés. Assim, como Moisés saiu do Egito montado sobre um jumento, então, também, os rabinos disseram que o Messias viria de forma muito humilde montado em um jumento, deste modo, cumprindo a profecia bíblica de Zacarias (cf. Zc 9, 9). E assim como Moisés fez com que o maná milagroso caísse do céu, então, também, os rabinos entenderam que o Messias iria, um dia, fazer com que chovesse pão do céu (PITRE, 2020).

Não há dúvidas de que na época de Jesus, a esperança judaica de um novo êxodo não estava apenas concluída nas profecias antigas dos profetas. Nada disso, o historiador judeu Josefo traz consigo relatos de que a ideia de um novo êxodo estava presente no primeiro século da Era Cristã. E muitos personagens diziam capazes de realizar milagres que atribuíssem ao êxodo do Egito. Por exemplo:

Durante a época quando Fado era procônsul da Judeia, um certo impostor chamado Teudas persuadiu a maioria das massas para pegar seus pertences e segui-lo até o Rio Jordão. Ele afirmou que era

um profeta e que, sob suas ordens, o rio seria transferido e lhes propiciaria um caminho fácil (JOSEFO, 2004, p. 712).

Teudas e outros personagens, aos quais estudiosos modernos se referem como “profetas de sinais” (KENNER, 2009, p. 676), inspiravam nos dois grandes líderes do êxodo: Moisés, que separou as águas do Mar Vermelho (cf. Ex 15) e Josué, por milagre, derrubou os muros da cidade de Jericó (cf. Js 6). Esses personagens, corroboram com a ideia de que na época de Jesus as esperanças judaicas de um novo Moisés e de um novo êxodo estavam presentes entre as pessoas.

Nessa perspectiva histórica, Brant Pitre diz que quando se dedica ao estudo, os Evangelhos parecem deixar claro que muitas palavras e atitudes de Jesus também eram realizadas como sinais de esperança de um novo êxodo (PITRE, 2020). Entretanto, diferentemente de Teudas e os egípcios, Jesus não apenas prometeu sinais do novo êxodo; Ele decerto os realizou.

Sob o mesmo ponto de vista, segundo o profeta Jeremias, no tempo do novo êxodo, Deus celebrará “nova aliança” com seu povo, que será maior que “a aliança” feita quando Deus os levou para “tirá-los do Egito” (Jr 31, 31-32). É de notar que no Cenáculo, na noite anterior a sua morte, Jesus pega um cálice de vinho e diz: “Este cálice é a nova Aliança em meu Sangue; todas as vezes de que dele beberdes, fazei-o em memória de mim de mim (1Cor 11, 25; Lc 22, 20). Logo, Jesus dá entender que em pouco tempo, a profecia da nova Aliança ocorrerá por meio de sua própria morte.

## **A NOVA PÁSCOA**

No primeiro Êxodo, as doze tribos de Jacó não saíram simplesmente do Egito, elas foram libertadas por Deus. Naquela noite, os israelitas que sacrificaram os cordeiros da Páscoa não foram apenas salvos do anjo da morte, mas também foram libertados da escravidão no Egito (cf. Ex 12; 13). Suas vidas foram resgatadas com o sangue do cordeiro Pascal.

E Deus pediu, então, para celebrassem a Páscoa todos os anos, pois trata-se de um estatuto perpétuo para todas gerações (cf. Ex 12, 14-20). E até lhes explicou como eles deveriam recitar o ritual às gerações futuras: “Quando vossos filhos vos perguntarem: que rito é esse? responderéis: É o sacrifício da Páscoa para Senhor, que passou adiante das casas dos israelitas no Egito, quando feriu os egípcios, mas livrou nossas casas” (Ex 12, 26-27).

Passaram-se quinze séculos ou mais entre o êxodo do Egito e a época de Jesus, a Páscoa se desenvolveu e mudou. Isso acontece com a maioria das celebrações litúrgicas (IDELSOHN, 1932, p. 173-187, tradução nossa); ao longo do tempo, “elas se expandem, contraem, alguns elementos são adicionados, outros são retirados” (PITRE, 2020 p. 71).

Já na época de Jesus, os cordeiros eram sacrificados no templo e comidos na cidade de Jerusalém. Até mesmo Jesus com seus pais iam todos os anos a Jerusalém (Lc 2, 41). E todo aquele que a não cumprisse seria condenado a morte (cf. Nm 9, 13). Nesta época, o sacrifício era um ato sacerdotal, ninguém poderia oferecer um sacrifício de sangue, apenas os sacerdotes levitas poderiam derramar sangue dos cordeiros no altar.

Essa restrição do sacrifício da Páscoa ao Templo de Jerusalém é imposta por Deus na Torá. O cordeiro da Páscoa só poderia ser oferecido em um lugar: o templo de Jerusalém, onde Deus havia escolhido para aí morar (cf. Dt 16 5-7). Logo após o sacrifício, as famílias se reúnem para fazer uma refeição especial, chamada de Seder.<sup>9</sup> Vale lembrar que o sacrifício só se realizava com o consumo do cordeiro, pois, com esse gesto que os judeus renovam a aliança com Deus.

Mas na noite da Última Ceia, Jesus fez algo diferente. Durante a refeição, em vez de falar sobre o êxodo do Egito, Jesus falou sobre seu futuro sofrimento e morte. “Em vez de explicar o significado da carne do cordeiro da Páscoa, Jesus identificou o pão e o vinho da ceia como seu próprio Corpo e Sangue e ordenou que os discípulos os comessem e bebessem” (PITRE, 2020, p. 62).

Embora, a Última Ceia fosse uma refeição da Páscoa, aquela celebração não era como as outras. “Naquela noite, Jesus não estava apenas celebrando mais uma homenagem do êxodo do Egito. Ao invés disso, Ele estava estabelecendo, uma nova Páscoa, a tão esperada Páscoa do Messias” (ibid.). Por meio de seu sacrifício, ainda que próximo, Jesus iniciaria o novo êxodo, o qual os profetas haviam previsto (cf. Ml 1, 11; Sl 109, 4; Sb 2, 10-20) e pelo qual os judeus haviam esperado (cf. Zc 9, 9-10).

E ainda, talvez o mais importante de tudo, a iniciativa de Jesus explicar o significado do pão que aponta para Páscoa. Era na Páscoa que o patriarca da casa respondia às perguntas de seu filho explicando o significado do pão sem fermento (cf.

---

<sup>9</sup> O principal ritual de *Pesah* é o Seder, uma refeição familiar festiva onde a história do Êxodo é recontada. O significado da palavra em Hebraico é ordem, ritual; uma referência à combinação muito específica de orações que são lidas e as comidas que são comidas.

Ex 12, 26-27; *Mishná, Pesahim* 10:5). Se tudo isso não fosse suficiente, a Última Ceia, também terminou com a canção de um hino; o salmo 118, conhecido como o Grande *Hallel* que na tradição judaica era cantado no final da refeição da Páscoa (PITRE, 2020). “Depois de cantar o hino, saíram para o monte das Oliveiras” (Mt 26, 30; Mc 14, 26).

Entre diferenças e semelhanças, apontadas lado a lado, outro indício também desperta a atenção na Última Ceia pascal. A Páscoa, tornou-se, uma celebração entre famílias por excelência (IDELSOHN, 1932, p.173, tradução nossa), assim, o pai ocupa um lugar especial, é o chefe de família. Na Última Ceia, Jesus se colocou como anfitrião e mestre dos doze, embora não fosse o pai de nenhum deles.

O ponto de partida, talvez mais significativo, é que toda a liturgia Pascal, a cada ano, gira em torno do corpo e sangue do cordeiro (PITRE, 2020). Em princípio, o cordeiro seria sacrificado e os sacerdotes no templo derramariam o sangue do cordeiro no altar. Em seguida, os judeus levariam o corpo do cordeiro do templo de volta para casa, e naquela noite; noite de Ceia Pascal, o patriarca contaria os grandes feitos do Êxodo do Egito (cf. Ex 12, 26).

Daí, Jesus fez algo extraordinário, fora do comum. Em vez de explicar o significado do corpo e sangue do cordeiro da Páscoa, ele mudou o foco para seu próprio Corpo e Sangue. “Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, e disse: Tomai e comei, isto é o meu Corpo” (Mt 26, 26). “Esta partilha do pão é um gesto específico do mundo judeu, não do mundo grego, e servirá para designar a Eucaristia” (BERDER, 2004, p. 24). Logo após, tomou o cálice e, dando graças, deu-o a eles, dizendo: “Bebei dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mt 26, 27-28).

Assim, quando Jesus disse: Isto é o Meu Corpo

Cinco palavras, tanto em português como no grego do texto original. [...]. Assim, católicos e protestantes polemizaram uns contra os outros sobre o sentido do verbo 'é', interpretado pelos primeiros como uma correspondência absoluta: Isto = Meu corpo, e pelos segundos como um símbolo: Isto simboliza o Meu corpo. (MARCHADOUR, 2000, p.42).

De acordo com o professor de exegese, pode-se pensar que o debate, sobre o verbo ser é um falso debate, dado que em aramaico a cópula ser não se usa. Jesus

pode ter dito isto Meu corpo. Em outras palavras, o verbo ser está implícito, não ausente. Por outro lado, não existe consenso entre os exegetas quanto a fórmula exata que Jesus pode ter usado para corpo.

Para uns, a exemplo de

Bonsirven, Benoit e, Jeremias, Jesus usou a palavra '*basar*'; em aramaico *bisra*, para qualificar o homem na sua fragilidade e na sua fraqueza, 'O homem como criatura passageira, em contraste com Deus ou com os poderes sobrenaturais'; Jeremias. Para outros, kilmartin e, Descamps, Jesus teria utilizado a palavra aramaica '*Gufah*', que quer dizer cadáver (MARCHADOUR, 2000, p. 42).

Depois, disse lhes: Isto é a aliança no Meu sangue

A segunda fórmula é paralela à primeira. Como frequentemente na retórica semítica, uma segunda formulação da mesma ideia vem definir melhor a primeira, matizá-la. As duas fórmulas não são diferentes, quanto ao sentido; cada uma delas exprime a totalidade do ser humano, a primeira através do simbolismo do corpo frágil; partido, talvez mesmo do cadáver, a segunda através do simbolismo do sangue derramado. Aqui, a alusão à morte é definida, através da imagem do sangue derramado. O corpo e o sangue, é o ser inteiro como voltado à morte (ibid).

Jeremias sublinha que no hebraico antigo *basar wadam*; carne e sangue, designa as duas partes do corpo, sobretudo da vítima do sacrifício, que vão ser separadas, ao morrer (cf. JEREMIAS, 1972, p. 264).

Enquanto, na Sinagoga em Cafarnaum, João, o Apóstolo e Evangelista põe em destaque o discurso de Jesus – “Quem come minha carne e bebe o meu sangue tem vida eterna, e eu ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 54). Como também, a reação dos discípulos quando ouviram os ensinamentos de Jesus, e disseram: “Essa palavra é dura! Quem pode escutá-la?” (Jo 6, 60). E, daquele momento em diante, “muitos dos seus discípulos voltaram atrás e não andavam mais com ele” (Jo 6, 66). E ele, por sua vez, os deixou partir.

Em verdade, para os judeus, beber o sangue de um animal era uma prática abominável diante de Deus. Agora, imagina para os discípulos, na hora em que ouviram de Jesus: “Em verdade, em verdade, vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós” (Jo 6, 53).

Mas, o que Jesus deu entender na Última Ceia? Quando disse que o pão era seu Corpo e o vinho era seu Sangue? e, ainda mais, o Porquê de ordenar aos seus discípulos para que comessem e o bebessem? mesmo que a intenção de Jesus fosse apenas simbólica, seria uma transgressão da Lei judaica.

Talvez, a repreensão mais significativa em oposição as palavras de Jesus, encontra-se na Escritura Judaica, quando proíbe todo judeu de consumir o sangue de um animal. O mandamento era muito sério, até mesmo era válido para um estrangeiro que convivia no meio deles. “Todo homem da casa de Israel ou todo estrangeiro residente entre vós que comer sangue, qualquer que seja a espécie de sangue, voltar-me-ei contra esse que comeu sangue e o exterminarei do meio do seu povo” (Lv 17, 10).

Mas, não para por aí, a Lei de Moisés deixa bem claro o Mandamento de Deus: “Porque a vida da carne está no sangue. E este sangue eu vo-lo tenho dado para fazer o rito de expiação sobre o altar, pelas vossas vidas; pois é o sangue que faz expiação pela vida” (Lv 17, 11). Por certo, os judeus não consumiam o sangue em razão da vida ou da alma, em hebraico, *nephesh*; do animal contida no sangue.

Jesus sabia muito bem como qualquer outro judeu do primeiro século que para cumprir a Lei de Deus, e para de ser salvo da morte; além de sacrificar o cordeiro, era preciso comer a carne do cordeiro (cf. Ex 12, 24). E se Jesus se via como o cordeiro, daí faz sentido que falasse de seu Sangue sendo derramado, e ainda, ordenado os discípulos a comerem sua carne. E comer a Páscoa pressupunha uma série de cuidados. Dentre os mais importantes, a purificação do fermento velho: “Purificais-vos do velho fermento para serdes nova massa” (1Cor 5, 7).

O Apóstolo Paulo, não só reconhece Jesus como o novo Cordeiro da Páscoa que foi sacrificado, mas também, fundamenta a celebração da Ceia Eucarística na pessoa de Jesus como cordeiro. “Pois nossa Páscoa, Cristo foi imolado. Celebremos, portanto, a festa” (1Cor 5, 7-8). Logo, o Apóstolo Paulo e outros cristãos do primeiro século também viam a Eucaristia como uma verdadeira participação tanto na Última Ceia quanto na morte de Jesus.

Por sua vez, E.P. Sanders, aponta que Jesus é por vezes acusado de infringir as tradições dos fariseus, assim como, a disputa acerca de seus discípulos colherem grãos no sábado (cf. Mt 12, 1-8). Porém, não existe evidências de que ele sequer tenha violado deliberadamente a Lei de Moisés e muitas evidências de que manteve isso por toda sua vida (SANDERS, 1990). Como ele mesmo disse no sermão no

monte: Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim para revogá-los, mas dar-lhes pleno cumprimento (cf. Mt 5, 17).

Ao longo dos séculos, os cristãos acolheram as palavras de Jesus, professaram o que ele disse na Última Ceia, e a contar dessa época, acreditam realmente que a Eucaristia é o Corpo e o Sangue de Cristo (DENZINGER; HÜNERMANN, 2007). Outros, entretanto, desde a época da Reforma 1517-1648 (SHELLEY, 2018), dizem que Jesus expressou-se por meio de símbolos, ou seja, o pão e o vinho são símbolos do corpo e sangue de Jesus Cristo. Além disso, historiadores modernos, negam que Jesus poderia ter dito essas coisas, embora estejam escritas em todos os quatro Evangelhos e também nas cartas de São Paulo (cf. Mt 26, 26-29; Mc 14, 22-25; Lc 22, 14-30; Jo 6, 53-58; 1Cor 11, 23-26).

No Antigo Testamento, também é possível apontar conexões entre a Última Ceia e o Pão da Presença parte extremamente importante porque antecipa a Eucaristia (cf. Ex 25, 30). O pão da Presença aparece primeiro durante o êxodo do Egito. Logo que Deus termina de dar os Dez Mandamentos para Israel e conclui com eles uma aliança com um banquete celestial (Ex 20-34). Apesar da pouca familiaridade de muitos, o Pão da Presença, é na verdade mencionado muitas vezes, inclusive em textos fora da Bíblia. "De fato, uma exploração do contexto judaico dos Evangelhos sugere que Jesus não apenas via a Última Ceia como a nova Páscoa e o novo *maná* do céu; também via como cumprimento messiânico do Pão da Presença" (PITRE, 2020, p. 128).

No entanto, tudo leva a crer que o maior problema talvez seja porque a maior parte das antigas traduções inglesas, como a versão do rei James, falam sobre o pão da proposição. Contudo, a tradução literal do hebraico é o Pão da Face; *lehem ha panim*,<sup>10</sup> que em Bíblias Inglesas modernas é o "Pão da Presença" (PITRE, 2022).

O termo showbread ou shewbread parece ter passado para inglês por meio do velho alemão Schaubrod, que é uma tradução do 'pão da proposição' da Vulgata latina; *panes propositionis*. Isto vem das ocasiões nas quais o Pão da Presença é referido como 'pão da postura' ou 'pão da fileira' (ibid).

---

<sup>10</sup> É de notar, porém que, são as traduções católicas que traduzem a frase como "os pães da oblação"; Bíblia de Jerusalém, "os pães da apresentação"; Bíblia tradução oficial da CNBB, ou "os pães da proposição"; Bíblia Ave-Maria, e Nova Bíblia americana, enquanto as traduções protestantes ou ecumênicas a traduzem literalmente como "Pão da Presença"; versão padrão revisada, Nova versão Internacional.

Por um lado, alguns estudiosos a exemplo de Humberto Cassuto traduz o hebraico como “Pão da oferta” (CASSUTO, 1997, p. 340, tradução nossa). De modo igual, Baruch A. Levine traduz como o “Pão da Apresentação” (LEVINE, 1989, p. 497, tradução nossa). Nessa perspectiva, a expressão hebraica se refere ao pão colocado diante da presença de Deus, quer dizer, em frente ao Santo dos Santos, onde a nuvem de glória da presença divina desceria acima da Arca da Aliança (Ex 40, 35).

O principal problema com essa interpretação é a falha em comunicar o que os Israelitas disseram. "O significado da expressão é claro, mas as implicações são enormes: o Pão da Presença é nada menos que o pão da face de Deus. Nessa perspectiva, de alguma forma o pão em si é um sinal visível da face de Deus" (PITRE, 2020, p. 132).

Contudo, não deve levar em conta que o pão era o único item na mesa dourada do Tabernáculo de Moisés. Perto da mesa havia jarros e tigelas para despejar libações, isto é, oferendas de bebida sacrificial de vinho (cf. Nm 15, 5-7; 28, 7). Então, quando se trata do Tabernáculo de Moisés, também pode-se referir a isso como o pão e o vinho da Presença. No entanto há mais, de acordo com o livro de Levítico o pão e vinho eram sinais não apenas da presença de Deus, mas da aliança (cf. Lv 24, 5-7).

À luz de tudo o que foi narrado até agora, tanto na Bíblia Hebraica quanto no Novo Testamento como também os escritos judaicos descrevem as prefigurações que estão intimamente conectadas com a Eucaristia.

Se Jesus e os primeiros cristãos judeus viam a Última Ceia como a instituição do novo Pão da Presença, então sucede que eles não o viam como pão e vinho comuns. Era, na verdade, o sinal e instrumento da presença real de Jesus. Assim como Deus havia estado realmente e verdadeiramente presente para seu povo no Tabernáculo de Moisés e no templo de Salomão, então agora Jesus estaria realmente e verdadeiramente presente a seus discípulos por meio da Eucaristia. E assim como o antigo Pão da Presença havia sido o sinal da eterna aliança de Deus, então agora a Eucaristia se tornaria o sinal perpétuo da nova aliança selada em seu Sangue. E assim como o antigo Pão da Presença também era o pão da face de Deus, então agora a Eucaristia seria o pão da face de Cristo (PITRE, 2020, p.154).

Ora, quer o maná quer o Pão da Presença desvelam o mistério de Jesus na Eucaristia porque está intimamente ligado ao mistério de sua identidade divina (cf. Mt 16, 13-17). Mas é bom recordar que o Catecismo da Igreja Católica ensina que o maná

do êxodo do Egito apontava para o pão miraculoso da Última Ceia, "o verdadeiro pão do céu" (CIC, 1094).

O Catecismo da Igreja Católica não liga o Pão da Presença do Antigo Testamento com a Eucaristia. O Catecismo apenas menciona como parte da adoração do templo do povo israelita (CIC, 2581). Daí, então por que Jesus não tomou a carne assada do cordeiro da Páscoa e a identificou com o seu Corpo? Em vez disso, focou no pão e vinho? Provavelmente seja porque o pão e o vinho seriam sinais visíveis de sua morte iminente. "O pão partido simboliza seu corpo dilacerado, e o vinho vertido simboliza o derramamento de seu sangue" (PITRE, 2020, p. 150).

Contudo, é expressivo quando a Igreja Católica explica o mistério da Eucaristia, escolhe a linguagem da verdadeira presença de Jesus.

No santíssimo sacramento da Eucaristia estão 'contidos, verdadeiramente, realmente e substancialmente, o Corpo e o Sangue juntamente com a alma e a divindade de nosso Senhor Jesus Cristo e, por conseguinte, o Cristo todo. Esta presença chama-se real não por exclusão, como se as outras não fossem reais, mas por excelência, porque é substancial, e porque, por ela Cristo Deus e homem, se torna eternamente presente'. É pela conversão do pão e do vinho no Corpo e no Sangue de Cristo que este se torna presente em tal sacramento (CIC,1374-1375).

De fato, esse ensinamento é o cerne da fé Católica, é o que a Igreja tem de mais precioso, de forma que, como Jesus, a Igreja Católica ensina com excelência:

A primeira Eucaristia e todas as outras deste então - não era apenas um sinal; era também um milagre. É por causa dessa crença na natureza milagrosa da Eucaristia que a Igreja também sustenta que não é qualquer um que tem o poder de transformar pão e vinho no Corpo e Sangue de Jesus, mas somente um sacerdote validamente ordenado (PITRE, 2020, p. 200).

Na última Ceia, Jesus milagrosamente transformou pão e vinho em seu próprio Corpo e Sangue (cf. Mc 14, 23-24).

Ao fazê-lo, deu aos discípulos uma parte, tanto em sua Morte corporal quanto em sua Ressurreição. Ao fazê-lo, deu aos discípulos o pão sobrenatural que os sustentaria todos os dias em sua jornada para a nova Terra Prometida de uma nova criação, uma antecipação da realidade da vida do Mundo Vindouro (PITRE, 2020, p. 191).

E é por causa de sua crença na presença real de Cristo: Corpo, Sangue, Alma e Divindade que a Igreja não apenas honra a Eucaristia, mas dá à Eucaristia a adoração em nome de Deus (CIC, 1378).

Quando se volta para os Escritos do Novo Testamento, note-se que na primeira epístola de Paulo aos Coríntios, ele começa uma longa discursão sobre a Eucaristia cristã. Ao voltar ao milagre do maná no deserto:

Não quero que ignoreis, irmãos, que os nossos pais estiveram todos sob a nuvem, todos atravessaram o mar e, na nuvem e no mar, todos foram batizados em Moisés. Todos comeram o mesmo alimento espiritual, e todos beberam a mesma bebida espiritual (1Cor 10,1-2).

A mensagem aos coríntios é clara: não aja como a geração do deserto do êxodo, muitos dos quais morreram porque menosprezaram o maná como alimento inútil e começaram a praticar idolatria (cf. 1Cor 10, 6-13; Nm 21, 4-9).

O mais importante de tudo na história da salvação é que a Igreja Apostólica e seus sucessores não apenas acreditavam na presença real de Jesus na Eucaristia, eles também reconheciam e ensinavam que ela havia sido prefigurada desde o Antigo Testamento por meio da Páscoa, do maná e do Pão da Presença. Conclui-se, então, que o novo alimento sobrenatural do novo êxodo, é o novo maná do Corpo de Cristo.

## **CONCLUSÃO**

O objetivo deste artigo foi descrever, de forma breve, as figuras tipológicas que anteciparam a Eucaristia como evento. Um acontecimento que ocorreu na plenitude dos tempos, com a esperança judaica de um novo êxodo, um novo libertador: o Messias. As figuras que anteciparam a Eucaristia foram reveladas durante toda história da Salvação, desde Genesis até o período intertestamentário, e uma dessas, figuras foi o Maná.

O projeto inicial teve início e fim definidos, exclusivamente com a intenção de identificar as figuras que anteciparam a Eucaristia. O artigo descreu literalmente todos os fundamentos que leva a Igreja Católica ensinar sobre o mistério Eucarístico. De modo que seja possível conhecer e compreender todo o contexto da instituição da Ceia do Senhor, não apenas de acordo com a fé, mas também com argumentos da

razão. Hoje, a Eucaristia não é mais uma figura tipológica, mas o sinal visível de Sua presença física.

A relevância deste trabalho cumpre-se com o objetivo geral do artigo, uma vez que contribui com a relação entre o conhecimento e a fé, isto é, conhecer para crer, e professar. Este conhecimento conecta o fiel com o acontecimento histórico, e assim, com a fé professada. E ao mesmo tempo, torna-se relevante para o convívio social, porque o fiel não apenas crê, mas, também tem razões para compreender melhor este mistério. De tal forma que o fiel possa dar motivos, isto é, testemunhar o porquê de sua fé.

A hipótese se consolidou fundamentada desde a escolha do tema, até o término da pesquisa, isto significa que os argumentos foram válidos no decorrer do trabalho. e por sua vez, deu oportunidade de diálogo entre ciência e fé. Fique, pois, claro que as Palavras de Cristo na Última Ceia não têm significado metafórico, mas deve ser entendida em seu sentido próprio.

Em consideração à outras pesquisas que deverão expandir-se sobre o tema, seria interessante acrescentar novas informações que devem contribuir com a pesquisa científica. Por exemplo, a Teofagia, um antigo ritual que consiste em comer ou se alimentar simbolicamente de deus, e o significado da mesa no Antigo Testamento.

## REFERÊNCIAS

AUNEAU, Joseph. **O Sacerdócio na Bíblia**: cadernos bíblicos. 1. ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2000.

BERDER, M *et al.* **O Sacrifício de Cristo e dos Cristãos**: cadernos bíblicos. 1. ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2004.

BERNARD, Renaud. **A Aliança coração da Torá**: cadernos bíblicos. 1. ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2010.

BORING, M. Eugene. **Introdução ao Novo Testamento**: história, literatura teologia. 1. ed. São Paulo: Paulus, V I/II, 2016.

CASSUTO, U. **A Commentary on the book of Exodus**: Jerusalem: Magnes Press, 1997.

**CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**. 19 ed. 2017. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

Constituição Dogmática Sobre a Revelação Divina ***Dei Verbum*** São Paulo: Paulinas, 19. ed. 2011.

DA ESCRAVIDÃO À LIBERDADE. **Morashá**, v.64, abr 2009. Disponível em: <http://www.morasha.com.br/pessach/da-escravidao-a-liberdade.html>. Acesso em: 09 out, 2021.

DENZINGER, Heinrich; HÜNERMANN, Peter. **Compêndio dos Símbolos, Definições e Declarações de Fé e Moral**. São Paulo: Paulinas: Loyola, 2007.

GESE, Hartmut. **Essays on Biblical Theology**. Minneapolis: 1981.

GOODMAN, Martin. **A História do Judaísmo**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

IDELSOHN, A. Z. **Jewish Liturgy and Its Development**. New York: Henry Holt, 1932.

JEREMIAS, J. **La dernière Cène**. Paris: Cerf, 1972.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus: De Abraão à queda de Jerusalém**. 8. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

KENNER, Craig S. **The Historical Jesus of the Gospel**. Michigan: Eerdmans, 2009.

LEVINE, Baruch. **Leviticus: the jps torah commentary**. Philadelphia: Jewish Publication Society, 1989.

MARCHADOUR, A *et al.* **A Eucaristia na Bíblia: cadernos bíblicos**. 2. ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2000.

MARX, Alfred. **Os sacrifícios no Antigo Testamento: cadernos bíblicos**. 1. ed. Lisboa: Difusora Bíblica, 2004.

NILO, Luza. **Uma Introdução Ao Pentateuco**. 1.ed. São Paulo: Paulus, 2019.

PITRE, Brant. **Jesus e as raízes judaicas da Eucaristia**: São Paulo: Ecclesiae, 2020.

Ribeiro, Ari. Jesus e os movimentos messiânicos. *Revista de Cultura Teológica*, v.17, n.66, jan/mar 2009.

SANDERS, E.P. **Jewish Law from Jesus to the Mishnah: Five Studies**. Philadelphia: SCM Press, 1990.

SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Vida Melhor, 2018.

VAUX, Roland. **Instituições de Israel no Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2004.